

Apagamento Cultural no Conto “A Menina Vitória”: e a Função da Literatura Africana na Construção de uma Nova Identidade

Alana de Souza Albarez Santos¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre o apagamento cultural no conto “A menina vitória”, de Arnaldo Santos. Como recorte analítico, lançamos luz sobre a personagem “Vitória”, uma professora que encara o conflito entre a busca por uma identidade autêntica e as imposições de uma sociedade que tenta moldar e silenciar sua autenticidade. O apagamento da identidade dessa personagem pode ser atrelado ao processo de colonização, que existiu de maneira desumana no continente africano. O processo colonial envolveu a exploração de recursos naturais, a escravização de populações africanas, resultando em profundas transformações culturais e sociais nos territórios colonizados e trazendo impactos como a desigualdade social e o racismo estrutural. Como respaldo teórico, recorremos a nomes como Munanga (1986), Stuart Hall (2006), Frantz Fanon (2008).

Palavras-Chave: Identidade. Apagamento cultural. Povos Africanos.

Abstract: This article aims to reflect on the cultural erasure in the short story “A menina vitória,” by Arnaldo Santos. As an analytical framework, we highlight the character “Vitória,” a teacher who faces the conflict between the search for an authentic identity and the impositions of a society that attempts to mold and silence her authenticity. The erasure of this character's identity can be linked to the colonization process, which occurred in an inhuman manner across the African continent. The colonial process involved the exploitation of natural resources and the enslavement of African populations, resulting in profound cultural and social transformations in the colonized territories and leading to impacts such as social inequality and structural racism. As theoretical support, we draw on authors such as Munanga (1986), Stuart Hall (2006), and Frantz Fanon (2008).

Keywords: Identity; Cultural; Erasure; African; Peoples.

Introdução

A escravização dos povos africanos representou não apenas a exploração da terra e da força de trabalho, mas também um processo sistemático de apagamento cultural. Sob a justificativa de levar “civilização” aos povos africanos, os colonizadores europeus impuseram sua língua, religião e costumes às colônias, como ocorreu nos países africanos que atualmente têm o português como língua oficial: Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) campus de Pontes e Lacerda-MT **E-mail:** alana.albarez@unemat.br

Essa invasão deu início a um processo de silenciamento das culturas originárias, resultando em uma profunda crise de identidade entre os povos Africanos. Até a independência dessas nações, os africanos foram submetidos não apenas à exploração de seus recursos naturais, mas também à violenta supressão de suas tradições, saberes e identidades.

Sem dúvida, essas questões se refletem na literatura produzida nesses países. Assim, pode-se afirmar que a literatura Africana é de grande importância por expressar a diversidade de culturas, histórias e identidades, permitindo o resgate da memória coletiva. Ela denuncia violências como escravidão, colonialismo e racismo e, além disso, contribui para dar voz à resistência, reconstruindo e afirmando as identidades dos povos marginalizados.

Diante dessas questões, podemos mencionar o conto “A Menina Vitória”, de Arnaldo Santos, texto que ilustra com sensibilidade e profundidade esse processo de alienação cultural no contexto de Luanda, em Angola, durante o período colonial. O conto apresenta a história de Gigi, um menino negro que, após enfrentar problemas com piolhos e dificuldades na prosódia na Escola 8, é transferido para o colégio do Padre Beatas.

Tais entraves refletem o estigma social e o preconceito linguístico da época, em que traços de higiene ou variações na fala eram utilizados como justificativas para a exclusão e a marcação da inferioridade do sujeito colonizado. Nessa escola, ele passa a fazer parte da turma da professora Vitória, docente da 3ª classe. Ela “era uma mulatinha fresca e muito empoada, que tinha tirado o curso na metrópole” (Santos, 1965, p. 41). De acordo com o narrador, ela “renovava o pó de arroz nas faces sempre que tivesse um momento livre, e durante as aulas gostava de mergulhar os dedos nos cabelos alourados e sedosos de uns meninos que sentavam nas primeiras filas” (Santos, 1965, p. 41).

É possível afirmar que a professora Vitória é uma personagem marcada por um transtorno de identidade, resultado direto da imposição dos valores culturais coloniais portugueses. Ela tenta apagar traços de sua identidade negra, maquiando-se constantemente com pó de arroz para embranquecer o rosto e se afastar de suas origens. É possível afirmar que ela é uma personagem marcada por um transtorno de identidade, resultado direto da imposição dos valores culturais coloniais portugueses. Conforme Frantz Fanon (2008, p. 27), “o negro quer ser branco”, evidenciando os impactos psicológicos do colonialismo sobre os sujeitos negros, que passam a negar sua própria identidade em busca de aceitação social.

Apagamento Cultural no Conto “A Menina Vitória”: e a Função da Literatura Africana na Construção de uma nova Identidade

A partir dessas observações, este artigo tem como objetivo abordar a crise de identidade vivenciada pela Profª Vitória, destacando a importância da autoafirmação do povo negro como caminho de resistência cultural e valorização das próprias raízes. Nesse sentido, a conscientização sobre o valor da identidade negra é um passo essencial para romper com a alienação imposta pelo colonialismo.

Para embasar nossas reflexões, buscamos respaldo em Munanga (1986), Antônio Candido (2006), Stuart Hall e Frantz Fanon a fim de discutir a falta de identidade como uma ferida coletiva provocada pela colonização, processo que, ainda hoje, marginaliza e silencia pessoas negras. Serão apresentadas a constituição da supressão identitária, a contribuição da literatura produzida nos países africanos de língua portuguesa para a reconstrução das identidades africanas e, por fim, a importância da autoafirmação dos povos negros.

Da literatura à (re) construção da identidade africana

O conto “A menina vitória”, de Arnaldo Santos, foi publicado no livro *Quinaxixe*, em 1977. O livro é composto por nove contos: “Quinaxixe”, “O velho Pedro”, “Exames da 1ª classe”, “A menina Vitória”, “Almas do outro mundo”, “Quarta-feira de cinzas”, “A mulher do padeiro”, “Morte do velho Noronha” e “Despertar”. O título da obra faz referência ao Kinaxixe, um bairro periférico de Luanda, Angola.

Assim, diversas questões são abordadas nessas narrativas, desde aspectos sociais e culturais até memórias afetivas, traduzindo o olhar de Santos sobre seu passado e revelando fragmentos da vida cotidiana angolana. Por meio desses relatos, o autor resgata personagens, ambientes e situações que compõem um mosaico de histórias marcadas por tradições, desafios e vivências singulares.

Como *corpus* na discussão deste artigo, selecionamos o conto “A menina Vitória”, cuja narrativa acompanha a trama de Gigi, um menino negro que foi transferido para uma escola particular devido a problemas na escola anterior associado a piolhos e dificuldades com a prosódia. Nessa nova escola, Gigi encara a exclusão e racismo, provocado por parte da professora Vitória, pois ela o trata com desprezo e o coloca com o Matoso, outro aluno marginalizado por ela, a escola que por sua vez deveria ser um lugar de acolhimento, torna-se

um lugar de sofrimento para esses alunos. Enquanto, a professora Vitória, cujo nome ironicamente sugere um triunfo da civilização sobre a selvageria, é a principal agente da exclusão no ambiente escolar. Descrita como uma mulata meticulosamente empoada, ela busca distanciar-se de sua identidade africana ao emular os trejeitos e a estética da metrópole. Sua postura é marcada por uma seletividade afetiva: enquanto reserva afagos e atenção aos alunos de traços europeus, destina a Gigi e Matoso o silêncio, a indiferença ou o isolamento, consolidando a escola como um espaço de reprodução da violência colonial.

Podemos dizer que a narrativa desse conto transcende o contexto individual e passa a simbolizar algo maior: o poder da literatura em representar dores sociais. Ao discorrer sobre a posição social do artista na obra *Literatura e sociedade*, Antonio Candido faz a seguinte afirmação:

As relações entre o artista e o grupo se pautam por esta circunstância e podem ser esquematizadas do seguinte modo: em primeiro lugar, há necessidade de um agente individual que tome a si a tarefa de criar ou apresentar a obra; em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a esta circunstância; em terceiro lugar, ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas (Candido, 2006, p. 34).

No trecho citado, Candido destaca que a relação entre o artista e a sociedade não é isolada; ao contrário, ela condiciona a própria existência da obra literária. Primeiro, é necessário que exista um indivíduo disposto a criar, alguém que assume o papel de artista. Depois, esse criador depende do reconhecimento social: a obra só ganha sentido completo quando é acolhida, interpretada ou valorizada pelo grupo.

Por fim, mesmo sendo marcada pelo olhar social, a obra literária funciona como um espaço onde o artista expressa suas aspirações mais íntimas. Assim, Candido mostra que a literatura é fruto de uma interação constante entre indivíduo e sociedade: nasce de um sujeito, é moldada pela comunidade e, ao mesmo tempo, revela desejos e tensões profundamente pessoais.

Dessa forma, a literatura não se limita a colecionar textos, mas constitui uma rede articulada por critérios estéticos, históricos e ideológicos compartilhados, que permitem compreender a produção literária como parte de um sistema cultural mais amplo. Nesse

Apagamento Cultural no Conto “A Menina Vitória”: e a Função da Literatura Africana na Construção de uma nova Identidade

sistema, obras, autores e leitores se relacionam continuamente, produzindo significados que ultrapassam o âmbito individual e refletem valores, conflitos e percepções de cada época.

Diante dessas observações, é importante lembrar que a literatura africana pós-colonial assume o papel de denunciar os efeitos da colonização e valorizar a tradição, a memória e a cultura dos africanos. Nessa perspectiva, a literatura africana não apenas resgata a memória, mas atua como uma ferramenta fundamental de letramento racial. Ao expor as contradições do sistema colonial e valorizar a agência dos sujeitos negros, essas obras educam o olhar do leitor para reconhecimento das estruturas de opressão e para a afirmação de uma identidade que foi historicamente silenciada.

Assim, a leitura deixa de ser um exercício estético para tornar-se um ato de consciência política e social. Por meio de elementos como a oralidade, a figura da criança e a retomada das raízes culturais, os textos buscam resgatar o que foi apagado, apresentando uma visão crítica do colonialismo. Nesse contexto, a autoafirmação é imprescindível para que os povos Africanos reconstruam sua identidade e contribuam para a construção de um país plural e diverso. Assim, ao reconhecer suas raízes, sua história e sua cultura como elementos valiosos, os povos Africanos rompem com a alienação cultural e afirma seu lugar na sociedade.

Em “A Menina Vitória”, essa crítica se manifesta na maneira como a personagem Vitória se relaciona com sua imagem e com os valores da colônia portuguesa impostos a ela. Conforme o narrador do conto,

A professora da 3.a classe, a menina Vitória, era uma mulatinha fresca e muito empoadada, que tinha tirado o curso na Metrópole. Renovava o pó de arroz nas faces sempre que tivesse um momento livre, e durante as aulas gostava de mergulhar os dedos nos cabelos alourados e sedosos de uns meninos que se sentavam nas primeiras filas. (Santos, p. 41, grifo nosso)

A Prof^a Vitória vive um conflito interno marcado pela negação de suas origens africanas e pela tentativa de adequação aos padrões europeus impostos pela sociedade colonial. Nesse contexto, Stuart Hall (2006) compreende a identidade cultural como um processo em constante transformação, influenciado pelas relações sociais, históricas e culturais. Dessa forma, a Prof^a Vitória evidencia uma identidade fragmentada pelos efeitos da colonização.

Nesse sentido, é possível afirmar que esse conto é, portanto, uma poderosa metáfora da luta pela identidade e resistência à supressão identitária resultante do processo de colonização, pois a personagem Vitória representa todos aqueles que, por muito tempo, foram levados a negar quem são. Ela simboliza uma trajetória de negação e dor, mas também de resistência e reconstrução. Sua figura representa as cicatrizes da colonização, mas ao mesmo tempo, aponta para a urgência de uma identidade negra que se reconheça e se afirme.

O conto evidencia como o colonialismo interfere diretamente na maneira como os sujeitos negros percebem a si mesmos e o mundo ao seu redor. A Prof^a Vitória reproduz valores impostos pela cultura europeia e passa a rejeitar características ligadas à sua própria origem africana. Para Frantz Fanon (2008, p. 15), o racismo e o colonialismo produzem formas específicas de perceber e viver o mundo, afetando diretamente a subjetividade dos povos negros colonizados

É interessante destacar que suas atitudes sobre os personagens Gigi e Matoso parecem repetir as do colonizador português, pois a todo momento ela se nega e nega presença desses personagens. Como exemplo, podemos ler o seguinte trecho: “a menina Vitória se referia a ele [Gigi], quase sempre com desprezo, ao recriminar, outro aluno “Pareces o Matoso a falar..., Sujas a bata como o Matoso... Cheiras a Matoso... e ele guardava-se cada mais a carteira, transido por aqueles comentários impiedosos” (Santos, 1965, p. 48). Vitória não poupava palavras para humilhar os garotos; parecia que, ao vê-los, algo neles despertava a lembrança incômoda de suas próprias origens.

A agressividade que demonstrava funcionava quase como um mecanismo de defesa, uma tentativa de negar o passado que ainda insistia em se impor. Assim, ao rebaixar os meninos, a Prof.^a Vitória buscava, de forma ilusória, distanciar-se daquilo que desejava esquecer, projetando neles as fragilidades que reconhecia em si mesma.

Ao rejeitar Gigi e Matoso, ela demonstra um comportamento marcado pelo apagamento do seu próprio pertencimento cultural. A personagem tenta distanciar-se de tudo aquilo que a aproxima de suas origens africanas, reproduzindo os valores impostos pela lógica colonial. Nesse sentido, Frantz Fanon (2008, p. 15) explica que muitos sujeitos negros passam a rejeitar a própria negritude, reproduzindo comportamentos de apagamento cultural impostos pelo colonialismo.

Apagamento Cultural no Conto “A Menina Vitória”: e a Função da Literatura Africana na Construção de uma nova Identidade

A professora se irrita a todo momento com os alunos Matoso e Gigi; essa irritação se manifesta na forma como ela os trata, por apresentarem traços que remetem à ascendência africana— características que, para ela, não condizem com a identidade idealizada, marcada pela estética e pelos valores europeus. Essa rejeição evidencia o silenciamento cultural descrito por Munanga, ao afirmar que o racismo opera apagando ou minimizando a história e as experiências dos grupos racializados, especialmente da população negra.

Desse modo, observa-se que a postura da Prof^a Vitória não se limita a uma prática pedagógica autoritária, mas revela a internalização de valores eurocêntricos que negam a negritude e reforçam processos de exclusão simbólica, contribuindo para a manutenção de um modelo educacional que marginaliza identidades negras e suas referências culturais.

Podemos dizer que a Prof^a Vitória perpetua a influência do colonizador, olhando a si própria com os olhos do colonizador pela influência, da cultura europeia que teve esse objetivo de restringir o olhar do negro para a sua cultura, os povos negros foram levados a se odiarem, não foram apenas escravizados forçados a trabalhar, além disso foram induzidos a se submeterem a cultura imposta.

Nessa obra, Arnaldo Santos, leva-nos a refletir sobre esse apagamento, a partir do comportamento da Prof^a Vitória com seus alunos. O comportamento dela mostra como o apagamento cultural prejudica a construção identitária das gerações passadas e atuais, desse modo, reforça a importância de valorizar as raízes, culturas e tradições que foram silenciadas.

Sem dúvida, isso passa a interferir em Gigi, pois, amedrontado, ele se diminuía cada vez mais na sala de aula, conforme observamos neste trecho:

E o Gigi diminuía-se ainda mais para não se tornar notado, esforçando-se num mimetismo impotente por imitar os gestos dos meninos da baixa. Tenho que ser como eles, reflectia no recreio, afastando-se dos alunos da 4.ª classe que eram, na maioria, os seus companheiros de vadiação do Quinaxixe (Santos, 1965, p. 45).

No trecho citado, percebe-se que Gigi está gradualmente se apagando, tentando anular sua própria origem em detrimento do posicionamento de Vitória. Ao esforçar-se para imitar os

“meninos da baixa”, ele adere a um mimetismo que revela uma tentativa dolorosa de se afastar de sua identidade e de seu grupo de pertencimento.

Esse movimento de autonegação expõe o impacto psicológico do racismo internalizado: Gigi acredita que só será aceito se conseguir reproduzir o processo de assimilação cultural, mimetizando os gestos e comportamentos daqueles que representam o ideal social valorizado. Esse desejo de assimilação evidencia a violência simbólica que força o indivíduo a negar sua própria identidade para tentar integrar-se a um sistema que, estruturalmente, o exclui.

Por meio da professora Vitória, Santos denuncia a dominação imposta pelos europeus e dá voz à resistência para que o sujeito africano se identifique com sua ancestralidade e reconheça com orgulho o seu lugar no mundo, preservando a sua subjetividade apesar das tentativas de apagamento cultural. “Segundo Munanga (1986, p. 6), a alienação do negro é fruto de um processo de convencimento psicológico, promovido pelo colonizador, que impõe a ideia de inferioridade racial e cultural”. A colonização não apenas limitou a dominação econômica e física. Ela agiu na mente, na qual o negro passou a se ver a si mesmo com os olhos do opressor, essa dominação é das piores, pois trabalha no imaginário e, além disso, se reproduz, por meio da educação, estética e linguagem. Nas palavras do autor,

O negro instruído na escola do colonizador toma pouco a pouco conhecimento da inferioridade forjada pelo branco. Sua consciência entra em crise. Graças a uma série de mecanismos de pressão psicológica e outras astúcias, sua alienação deixa de ser teórica. Ela se convence de que o único remédio para curar sua inferioridade, a salvação, estaria na assimilação dos valores culturais dos brancos superpotentes (Munanga, 1986, p. 6).

Essas reflexões de Munanga nos ajudam a interpretar a conduta da professora Vitória que reflete justamente o resultado dessa alienação. A maneira como ela lida com sua aparência reflete-se claramente na atitude de tentativa de silenciar as marcas culturais dos seus alunos. Quando ela repreende o aluno Matoso por falar a própria língua, evidencia-se o impacto do apagamento cultural. “Porém o seu azedume cresceu quando, tempos depois, o Matoso lhe respondeu distraidamente em quimbundo. ” O que, julgas que eu sou de sua laia...!?” (Santos, 1965 p.48)

A tentativa de apagar a língua materna é uma forma de negação da identidade e da história de um povo, pois a linguagem é um dos principais elementos de construção cultural, “A Menina vitória”, embora, seja negra, nega sua identidade e parece não reconhecer a sua

Apagamento Cultural no Conto “A Menina Vitória”: e a Função da Literatura Africana na Construção de uma nova Identidade

cultura, entretanto, se assemelha a cultura europeia imposta pelas as colônias portuguesas. Podemos compreender, por meio da trajetória dos personagens Gigi e Matoso, como racismo estrutural e a colonialidade operam no apagamento da identidade dos sujeitos africanos.

Ainda hoje é possível notar a dificuldade de aceitação da identidade fenotípica negra, que abrange características como a textura do cabelo e a pigmentação, devido à persistência de padrões estéticos eurocêntricos. Por sofrerem racismo e discriminação, as pessoas que sofrem ou já sofreram com essa supressão identitária buscam maquiarse assimilando com a cultura do outro, como podemos analisar no conto “A menina vitória”.

Vale ressaltar que a literatura assume um papel fundamental nesse processo de reconstrução de identidade, pois atua na reivindicação da subjetividade e da dignidade daqueles que foram historicamente silenciados pelo sistema colonial. Desse modo, a produção literária africana consolida-se como um espaço de autoafirmação, permitindo que esses sujeitos narrem suas próprias histórias sob uma perspectiva autônoma, rompendo com o olhar estigmatizante do colonizador.

O Apagamento cultural como herança colonial

Os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs) ainda sentem os reflexos do processo de colonização, tanto nas estruturas políticas e econômicas quanto nas dinâmicas sociais e culturais que se consolidaram ao longo de séculos de domínio português. As marcas desse passado aparecem na organização administrativa, na desigual distribuição de recursos, na dependência econômica externa e nas tensões internas resultantes de fronteiras e identidades moldadas pelo colonialismo. Além disso, a presença da língua portuguesa como idioma oficial reflete uma herança que, ao mesmo tempo em que unifica, também convive com diversas línguas e tradições locais, revelando a complexidade dos processos históricos vividos por essas nações.

O processo de colonização pode ser visto como um apagamento cultural, pois impôs valores, práticas e estruturas europeias sobre as populações locais, desvalorizando suas línguas, tradições, crenças e formas próprias de organização social. Ao estabelecer a superioridade da cultura do colonizador, a administração portuguesa reprimiu identidades

africanas, substituiu sistemas educativos tradicionais e restringiu a expressão de saberes locais, deixando marcas profundas que ainda desafiam os processos de reconstrução cultural e afirmação identitária nos países africanos de língua portuguesa. Isso ocorre porque, conforme a perspectiva de Munanga (1986), a herança colonial impôs um apagamento que exige dos sujeitos uma constante luta para retomar sua própria subjetividade e saberes locais.

Nesse sentido, a afirmação da identidade negra também é uma forma de resistência cultural e política, pois recupera valores, memórias e tradições que foram historicamente silenciados pela dominação colonial. Ao reafirmar suas raízes e culturas, os povos africanos e afrodescendentes contestam narrativas impostas pelo colonizador e fortalecem processos de autonomia, reconhecimento e valorização de suas próprias histórias. Essa reafirmação identitária torna-se, portanto, um ato de reconstrução simbólica e de enfrentamento das desigualdades herdadas do período colonial.

Para Munanga (1986), “reafirmar-se como negro num país que historicamente negou essa identidade é um ato político de resistência ao racismo e de afirmação de uma nova forma de cidadania”, evidenciando que o reconhecimento da identidade negra ultrapassa a dimensão individual, assumindo um papel coletivo e transformador na luta contra as estruturas que sustentam a exclusão social.

Considerações finais

Ao analisar o conto “A Menina Vitória”, de Arnaldo Santos, evidencia-se que a literatura não atua apenas como um registro do passado, mas como um veículo de grande potencialidade para instigar o leitor ao contato com informações descolonizadas. A narrativa de Santos promove o letramento racial ao expor as feridas da alienação cultural e, simultaneamente, oferecer caminhos para a reconstrução da identidade negra.

Nesse contexto, o fazer literário consolida-se como um instrumento pedagógico e político, essencial para desarticular os legados coloniais e fomentar uma consciência crítica que valoriza a ancestralidade e a diversidade das experiências africanas.

A literatura africana de língua portuguesa, sob esse viés, torna-se uma ferramenta essencial para dar visibilidade às vozes silenciadas, reconstruir memórias e promover o reconhecimento das raízes africanas como fundamento para a descolonização do pensamento.

Apagamento Cultural no Conto “A Menina Vitória”: e a Função da Literatura Africana na Construção de uma nova Identidade

A autoafirmação da identidade negra, por meio da valorização da cultura, da ancestralidade e da língua, rompe com os valores coloniais e propõe uma nova forma de existência: plural, crítica e orgulhosa de suas origens.

Portanto, o conto analisado demonstra que o caminho para superar o apagamento cultural passa pela valorização da literatura como instrumento de resgate da dignidade dos povos africanos. Reafirmar a identidade negra, como propõe o texto, é não apenas uma forma de resistência, mas um ato político e pedagógico de transformação da sociedade.

Referências

- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MORAES, Anita. Notas sobre o conceito de Sistema Literário de Antônio Candido nos estudos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. **Itinerários**, Araraquara, n. 30, p. 65-84, jan./jun. 2010.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.
- SANTOS, Arnaldo. A menina Vitória. In: SANTOS, Arnaldo. **Quinaxixe: contos**. Luanda: Kinaxixe, 1965.
- SANTOS, Marcelle. A Menina Vitória de Arnaldo Santos e o papel da negritude na autoafirmação do negro. **Revista Dois Pontos**, n. 11, p. 15, 2025. Disponível em: https://www.revistadoisat.com.br/numero11/2%20Marcelle_Menina.pdf. Acesso em: 12 jun. 2025.